

A QUESTÃO DA LEGITIMIDADE DA NARRATIVA DE OFFRED EM O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD

WENDEL BUCHWEITZ¹;
EDUARDO MARKS DE MARQUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – contatowendelwb@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a realizar uma leitura crítica do romance distópico *O Conto da Aia* (1985), da escritora canadense Margaret Atwood. O foco da análise é a protagonista e narradora do romance, Offred, e como esta registra sua própria história. O leitor descobre, nas últimas páginas do livro, que a narrativa de Offred foi registrada em várias fitas, que auxiliaram historiadores futuros (do ano de 2195) a entender melhor a república de Gilead (o regime totalitário sob o qual Offred e outras aias viviam).

Gilead situa-se onde era uma parte dos Estados Unidos. As mulheres são, em sua maioria, enviadas para “Centros Vermelhos” onde aprendem suas funções dentro do sistema. As mulheres férteis são, após o treinamento, enviadas para a casa de Comandantes a fim de procriar. Os atos sexuais praticados entre a aia e o Comandante têm a permissão (e a supervisão) de sua esposa, que é a responsável por segurar os braços da aia durante a consumação do ato sexual. Qualquer expressão de prazer entre a aia e o Comandante é proibida.

A história de Offred (ou *O Conto da Aia*) foi estudado, anos mais tarde, por historiadores. Estes (acadêmicos, homens), por sua vez, foram os responsáveis, portanto, por organizar e até mesmo editar os registros da aia, conforme é possível verificar nas últimas páginas do livro, sob o título de “Notas históricas sobre o conto da aia”.

Há, contudo, neste aspecto, um tom irônico sugerido pela autora, pois, mesmo após Offred ter sido de silenciada sob o regime opressor de Gilead, sua “voz” (testemunhal, feminina) não é totalmente reconhecida por estes professores que relatam, em um simpósio, os “problemas” da narrativa e apontam, assim, a impossibilidade de confiar de forma integral na narrativa de Offred.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 2016 e 2018 como bolsista de iniciação científica. Além d'*O Conto da Aia*, foram analisados outros trabalhos de Margaret Atwood, em especial a trilogia *Maddaddam* (2003-2013). O resultados parciais desta pesquisa foram apresentados no Congresso de Iniciação Científica (CIC) da UFPel em 2017 e no II Coloquio Internacional de Literatura Fantástica no mesmo ano, em Montevideo (Uruguai).

A metodologia de análise do presente trabalho deu-se a partir de discussões críticas realizadas nas reuniões do grupo de pesquisa “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas”, da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do Prof. Eduardo Marks de Marques.

Houve também a leitura atenta e crítica d'*O Conto da Aia*, relacionando-o com outras obras. A partir das leituras, organizou-se os resultados e a discussão a serem apresentados no seguinte item.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Publicado em um contexto político-social conturbado, com a ascensão de movimentos racistas, ultraconservadores e antifeministas notáveis na década de 1980 nos EUA (os quais, muitas vezes, estavam diretamente relacionados a discursos religiosos), *O Conto da Aia* (1986) é um romance distópico diferente de seus predecessores, conforme afirma Malak (2004):

O que distingue o romance de Atwood dos clássicos distópicos é seu óbvio foco feminista. (...) Embora as principais características distópicas possam ser claramente localizadas em *O Conto da Aia*, o romance oferece duas distintas características adicionais: feminismo e ironia.¹

O romance de Atwood traz, portanto, o viés feminista e a perspectiva da mulher para *O Conto da Aia*. Essas perspectivas, contudo, são combinadas com a ironia. Offred, por exemplo, ao registrar sua história, provavelmente correu grandes riscos ao gravar suas fitas. Apesar disso, anos depois, seu registro é contestado e problematizado pelo meio acadêmico – mais especificamente por homens.

Ao final do romance, nas “Notas históricas sobre o conto da aia”, o “Professor James Darcy Pieixoto” da Universidade de Cambridge, palestrante do simpósio sobre o período Gileadiano, ministrado em 2195, diz o seguinte sobre sua análise das fitas de Offred:

Desse modo coube ao professor Wade e a mim organizar os blocos de narrativa na ordem em que pareciam seguir; mas, como já disse em outra ocasião, todas as organizações desse tipo são baseadas em um pouco de adivinhação e suposição, e devem ser consideradas como sendo aproximadas; dependendo de pesquisa posterior (ATWOOD, 2017).

Portanto, o testemunho de não é legitimado pelos professores acadêmicos. Antes, é contestado por eles – além, é claro, de depender de “pesquisa posterior”. Essa “não-legitimidade” do testemunho de Offred e a autoridade acadêmica desses professores são problematizadas por Davidson (2004), ao dizer que:

[A] análise retrospectiva por um professor de Cambridge – homem, é claro – é ostensivamente mais autoritária do que o relato de uma mulher testemunha ocular. Além disso, a suposta “objetividade” do empreendimento acadêmico do Décimo Segundo Simpósio de Estudos de Gileade é um pós-escrito arrepiante para uma história em que as mulheres (e outros grupos também: negros, judeus, homossexuais, quakers, batistas) foram totalmente objetivados, transformados em objetos pelo Estado.²

¹ Tradução nossa. No original: What distinguishes Atwood's novel from those dystopian classics is its obvious feminist focus. (...) While the major dystopian features can clearly be located in *The Handmaid's Tale*, the novel offers two distinct additional features: feminism and irony.

² Tradução nossa. No original: Retrospective analysis by a Cambridge don—male, of course – is ostensibly more authoritative than a participant woman's eyewitness account. Furthermore, the supposed “objectivity” of the scholarly enterprise of the Twelfth Symposium on Gileadean Studies

4. CONCLUSÕES

A análise do romance de Margaret Atwood propôs-se, portanto, a refletir criticamente acerca da não-legitimidade do registro narrativo de Offred, o qual foi contestado por professores universitários, cerca de um século mais tarde, no “Décimo Segundo Simpósio de Estudos de Gileade”, em 2195. Há, portanto, neste aspecto, uma crítica subjacente.

Mesmo sendo testemunha ocular, ou seja, tendo vivenciado o período de Gilead, a narrativa de Offred não é inteiramente válida. Antes, seu registro fica sob responsabilidade (e critérios) de acadêmicos que procuram “entender” e “organizar” seus relatos. Acadêmicos estes que não deixam de enfatizar a problemática do discurso de Offred, contestando direta ou indiretamente a sua veracidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

DAVIDSON, Arnold E. **Historical Notes**. In: BLOOM, Harold (ed.). Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale. New York: Bloom’s Literary Criticism, 2004, p. 82-84.

MALAK, Amin. **Atwood in the Dystopian Tradition**. In: BLOOM, Harold (ed.). Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale. New York: Bloom’s Literary Criticism, 2004, p. 85-88.